



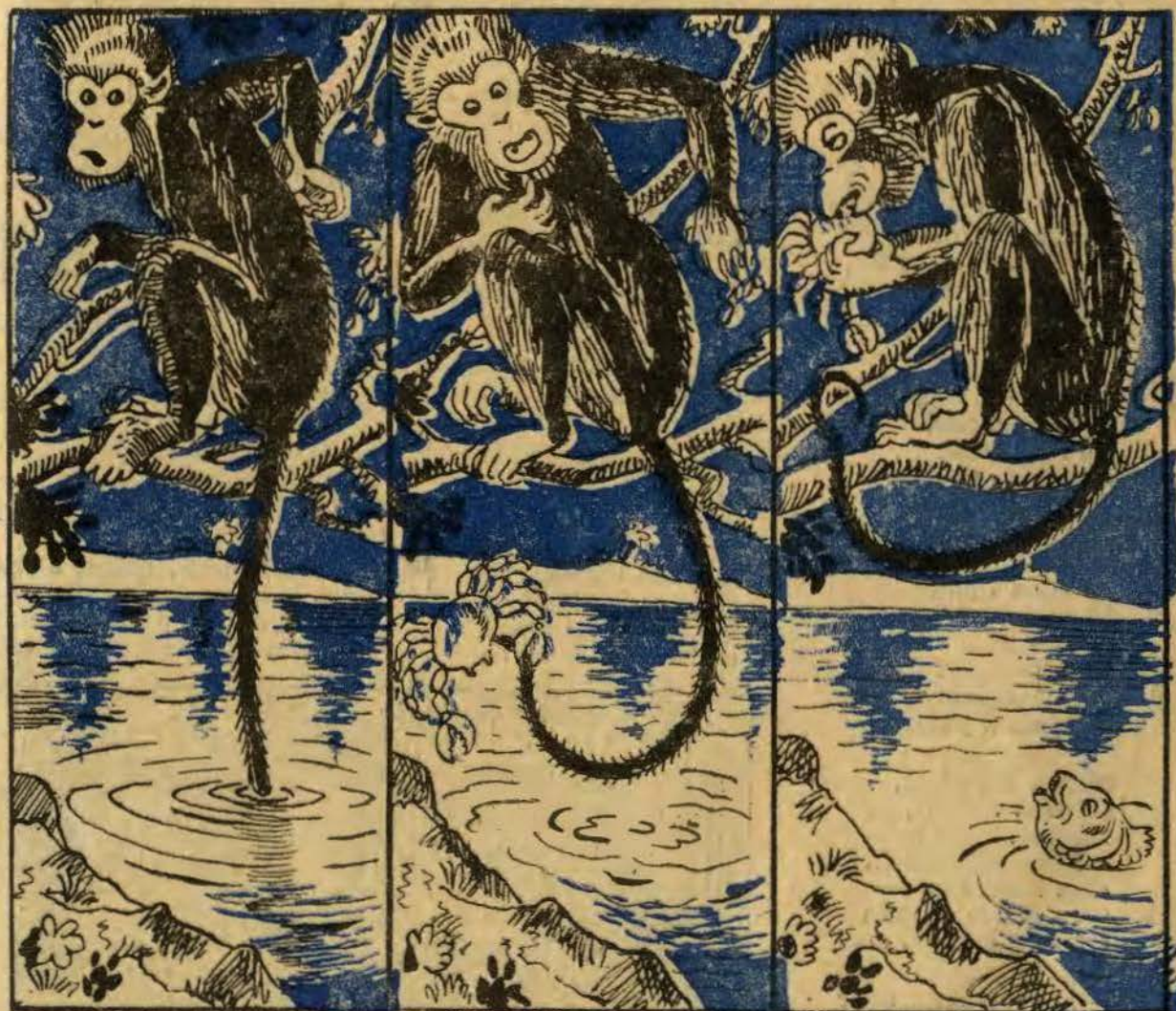
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

PESCA IMPREVISTA



Em fértil margem, um gorila, um dia,
empoleirado em tronco sôbre o mar,
nas espelhentas águas imergia
da sua cauda a ponta, descuidado.

Tomando a cauda, então, por uma enguia,
um certo caranguejo esfomeado,

aboca a pêsca enquanto o mono chia
ao sentir o apêndice picado.

Porém, torna-se a má'ua em ale ria,
pois como não houvesse inda almoçado,
aproveitando a bela pescaria,
come um manjar há muito cobiçado.

minha linda trepadeira!



Trepando, trepando,
Lá se foi criando,
Mimosa, singela,
Na minha janela,
A' sombra fagueira
De muitos carinhos.

Minha linda trepadeira!

Levei-a p'ra casa
Pequena, fraquinha,
Quási mirradinha,
Dei-lhe água; poisada
Na velha panela,
Muito esburacada,
Que o lixo poupara,
E pu-la á janela.

Cuidei tanto dela,
Com tanto carinho,
Que o vento, brandinho,
Correndo por ela,
Beijou-a de graça!

No ar esvoaça
Alegre andorinha,
Airosa, contente,
Por ser, livremente,
A dona do espaço,

E passa por ela
Dizendo-lhe, altiva,
Ao vêr a cativa
Na minha janela:
— Tam linda e vistosa!
«Que pena que faz
«Ver-te desditosa,
«Pregada á janela...

Nisto a trepadeira,
Sorrindo também,
Exclama, porém:
— Estou prisioneira...
«Mas ainda bem
«Que guardo a janela
«Da casa que vês.

— E quem móra nela?

— O meu salvador,
«Poeta, talvez...
«Talvez sonhador...
«Um grande senhor,
«A quem devo a vida,
«A água e guarida.

A Pelicano e a Cangurú

Por A. de S. R.

Desenhos de CASTAÑE

PELICANO-fêmea e Dona Cangurú são dois exóticos habitantes do vasto Reino Zoológico, onde impera Sua Real Magestade o Senhor D. Leão, Imperador dos Trópicos, Rei da Selva e dos Matos, Florestas, pântanos, charcos e ilhas adjacentes.

Ora,

Dona Pelicano,
de comprido bico,
era um demonico
deveras magano.

Dava o cavaquinho
por rir e troçar
de todo o bichinho
que visse passar.

Vendo, um belo dia,
certa Cangurú,
diz com zombaria:
— «O que fazes tu,
com êsse buraco
ao pé da barriga,
que parece um sacco,
minha pobre amiga?!»

Cangurú furiosa,
sem gostar da graça,
muito desdenhosa,
sem responder, passa...

Dona Pelicano,
lá do seu poleiro,
torna em tom magano
e em ar zombeteiro:

— «Que cómica és!...
Ih-ih-ih-hi-ih!...
Deus que assim te fez,
quíz zombar de ti!...»

Em face daquele desafio insolente, Dona Cangurú, limitou-se, então, a responder:

— «Com ar zombeteiro,
lá do teu poleiro,
comigo repontas?!...
Mas desce cá baixo
e verás, diacho,
o ajustar das contas!»

Cobardemente, porém, a Pelicano bateu as asas e, rindo, galhofeira, desatou a fugir para mais seguro local, não se dêsse o caso





Então, ironicamente, a Cangurú, que jurára vingar-se da Pelicano, pagando-lhe na mesma moeda, pôs-se a ajustar as contas:

— «Pelo visto, cara amiga, a fartura é muito pouca, por êsse andar tua bôca faz um saco na barriga!»

Receando a vingança da Cangurú, então, a Pelicano, toda entregue à sua abnegação pelos filhos, à Dôr do seu admirável sacrifício materno, pediu perdão, à Cangurú, das suas injustas diatribes, da troça que lhe fizera, rogando-lhe, pelo filhinho que trazia consigo, que não lhe fizesse mal. E acrescentou deveras arrependida:

— «Andei com leviandade ao troçar de cada qual... Tudo que existe, afinal, tem a sua utilidade.

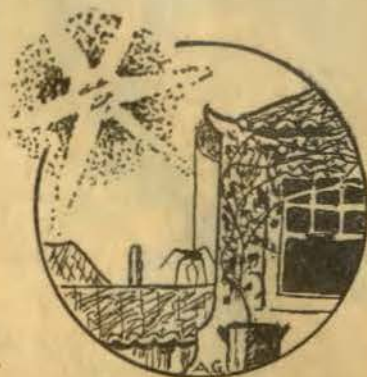
Eternecida, ante o sublime espectáculo de maternal solicitude que, á falta de outro alimento, a levava a arrancar do peito a própria carne, a Cangurú não só lhe perdoou generosamente, como se prontificou a ir buscar alimentos para os repartir entre os filhinhos da Pelicano e o seu.

da Cangurú, com um dos seus formidáveis saltos, a alcançar.

Ao vê-la, assim, bater em retirada, Dona Cangurú seguiu, então, o seu caminho, até que, apenas decorridos muitos meses, se tornaram a ver, em circunstâncias idênticas, pois ambas estavam mãis.

Ao pé dum regato quasi seco e sobre um ninho onde estavam três recém-nascidos pelicanos, D. Cangurú, que transportava no saco junto à barrigoinha um canguruzinho, também recém-nascido, parou a contemplar a Pelicano que tanto troçara dela. Qual não foi, porém, o seu espanto, ao vê-la arrancar do próprio peito ensangüentado, pedacinhos de carne viva que distribuía pelos filhos, de longos biquinhos, avidamente abertos.

■ FIM ■



Então, a andorinha, Voando sôzinha, Segredou ao sol:
— Vai vê-la, que linda!
E lá foi voando,

O sol, abrasando, Um facho atirou A' minha janela, Mas, a trepadeira, Logo preguntou:
— Que queres, ó rei?

— Ver-te, unicamente, Feliz e contente. Mas dize: não sei Porque estás aí Na pobre janela...

— Eu guardo a mansão Do meu salvador... Tu queres entrar Vibrante, a queimar, Mas eu estou aqui E posso coar Teus raios de lume.

Irás, mais suave, Acariciá-lo Como pluma d'ave Irás acordá-lo Sim, mas de mansinho, Qual bola d'arminho, Rolando, rolando, Muito lévezinha. Filtrado por mim, Irás salpicando De teu oiro a sala!

Ao sol, no telhado, Envolta na teia, Dormia uma aranha, Que o sol despertou; E, bisbilhoteira, Também escutou O que a trepadeira Disse. E comentou:

(Continúa na pag. 7).





O BURRINHO

VERSÃO
DESENHOS

— «Espera-me defronte da porta, Tóninho». Durante alguns minutos, conversou com o moleiro. Despediram-se, por fim, com um olhar sorridente e calmo, como pessoas que se compreendem. Ela, então, voltando-se para o filho, ordenou-lhe:

— «Vem comigo».

Caminharam à borda dum ribeirinho, até que chegaram, finalmente, à grande horta de Tomás. As couves, as alfaces e as flores mostravam-se verdes e bonitas. Atrelada à nora que fornecia a água para as regas, a jumenta andava à roda, tendo os olhos vendados para evitar o entontecimento.

— «Boa tarde, tio Tomás — (disse a mãe de Tóninho, ao avistar o hortelão) — Quere vender-me o seu burrinho?»

— «Da melhor vontade, senhora Julieta, mas como vai alimentá-lo?»

— «Com o leite da minha vaca «Bonita». Como lhe tirámos o vitelo, o leite sobeja. Daremos, pois, as sobras ao jumentinho, sem grande encargo para nós. O caso é que ele aceite o leite de vaca. Enfim, veremos.»

— «Quanto a isso creio não haver motivo para receios» — replicou o hortelão.

— «Bem, e quanto a preço?»

— «Vendo-o por cinquenta escudos...»

— «Acho caro, tio Tomás».

A família do moleiro José Rodrigues, era das mais estimadas e unidas da aldeia. Compunha-se do pai, da mãe, (a senhora Julieta), duma menina (Catarina), e de Tóninho, um interessante garoto de sete anos, com quem toda a gente simpatisava, não só pela figura de gorducho, de bonitas cores e de aspecto sempre alegre, como pela bondade franca que irradiava de si, como coisa natural.

Os pais de Tóninho habitavam no próprio moinho, o qual era accionado pela água dum ribeirinho que as chuvas do inverno engrossavam bastante.

Certo dia, em que o pequeno fôra passear nos arredores do moinho, regressou chorando copiosamente, o que fez perturbar sua mãe, que se encontrava sentada à porta do moinho, costurando, e que, ao reparar no menino, exclamou inquieta:

— «Que tens, meu filho?!»

Bem desejava êle responder mas o choro embargava-lhe a voz. Por fim, lá conseguiu explicar:

— «Tio Tomás, o hortelão da campina, quere matar o burrinho, filho da jumenta grande. Diz o dono que o animal é tam magro e tam doente que não merece o leite que sua mãe lhe dá. Por conseguinte, em vez de alimentar tam inútil ser, venderia o leite na cidade...»

Ora Tóninho habituara-se a estimar o pobre burrinho e de forma alguma queria, portanto, que o matassem.

— «Mas como fazer, minha mãe; sim, como evitar?» — perguntou a criança entre lágrimas.

Demais a mais, o hortelão preparava-se para abater o animal logo no dia seguinte, de manhã.

Julieta reflectiu durante alguns minutos. Depois, como quem toma uma resolução, levantou-se e entrou na casa do moinho.

O moleiro inspeccionava o trabalho das mós e enchia as sacas de bôa farinha, arrumando-as, cuidadosamente, a um canto. Ouvindo os passos de sua mulher, voltou-se. Antes de se dirigir ao marido, Julieta fez estacar o pequeno, dizendo-lhe:



O CINZENTO

DE J. F. S.
DE A. CASTANÉ

Como resposta, o hortelão foi buscar o burrinho, cujas qualidades elogiou, com o desejo de o vender pelo máximo.

— «Acho caro» — (repetiu a moleira). Dou por êle trinta escudes.»

— «Impossível» — (respondeu o hortelão).

Julieta fez menção de se retirar, mas tio Tomás acabou por entregar-lhe as rédeas do burrinho, exclamando:

— «Pois está decidido, é seu o bicho. Parece-me justo fazer um sacrifício com tam bons vizinhos.»

Não pode descrever-se a alegria de Tóninho ao conduzir o pobre jumentinho para sua casa. Nenhum vencedor de batalhas experimentou, jámais, o mesmo sentimento de alegria e de triúfno. Comprometeu-se a tratar sózinho de tudo quanto precisasse o animal, começando logo por lhe dar o leite da vaca, que êle bebeu com prazer. Passou a chamar-lhe *Cinzento* por ser esta a sua côr.

Nunca lhe faltava o alimento, incluindo uma parte do pão do almôço cotidiano de Tóninho, e as ervas tenras que, de propósito, colhia. Lavava-o, penteava-lhe o pêlo, e vigiava a sua saúde, de tal maneira que em breve o *Cinzento* era o mais feliz dos burrinhos existentes até então...

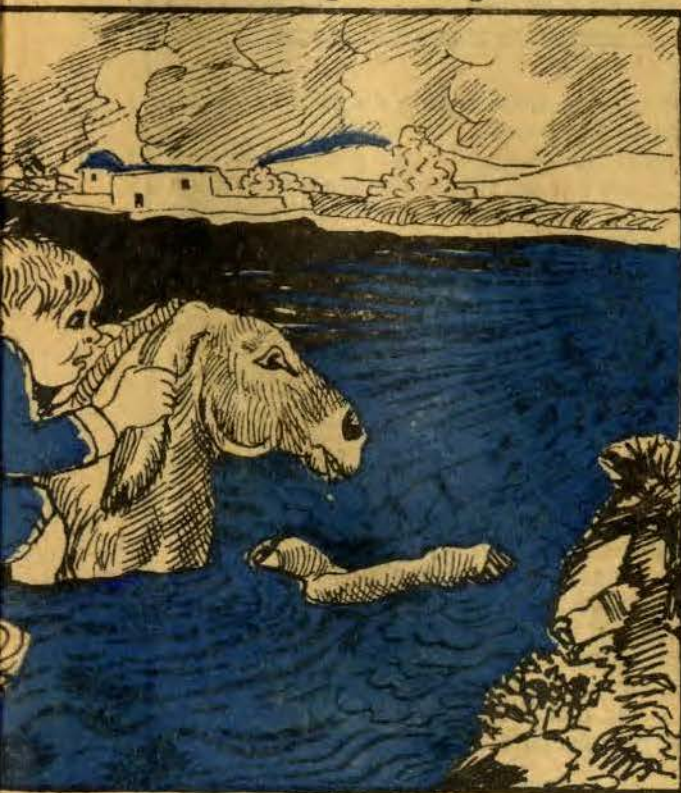
Tornaram-se dois grandes amigos.



Ao fim dum ano, *Cinzento* era «alguém» no moinho. Ganhava bem o que comia, conduzindo farinha e outros carrêgos.

Tóninho e o *Cinzento* brincavam como duas crianças. Tóninho montava o animal e com êle dava grandes passeios. Depois, *Cinzento* atirava docemente com o seu pequeno dono para a erva, parecendo rir com os seus belos olhos claros, e vindo lamber a cabeça do garoto.

E prosseguiam, então, os gritos, as brincadeiras e as traquinices...



Como os negócios iam bem, o casal comprou umas novas terras, e, para legalizar o negócio, foi necessário ir à cidade. Catarina acompanhou-o. Ficou Tóninho incumbido de vigiar a casa. Como já sabia ler, entreter-se-ia a folhear ilustrações. Os pais confiavam nele. *Cinzento* ficou em liberdade, pastando no prado.

— «Esta noite teremos chuva» — sentenciara o pai antes de sair, ao contemplar o espaço.

Tóninho fatigou-se da leitura, e como fazia uma temperatura abafada, anunciadora de tempestade, adormeceu.

Acordou após uma hora, ao som da ventania e do ribombar do trovão. A chuva caía tam abundante, tam formidável, que, em poucos minutos, o moinho estava verdadeiramente bloqueado de água.

A criança tinha medo. Ouvia baterem à porta mas não ousava abri-la. Súbitamente, um prolongado zurro fez-lhe comprender quem era o visitante: — *Cinzento*, todo encharcado, pedia refúgio ao seu bom amiguinho. O vento, furioso, fechara a porta do estábulo e o burrinho encontrava-se em risco de morrer.

Tóninho abriu, então, a porta da cozinha e o *Cinzento* entrou. O pequeno, assim, sentia-se menos só, mas a trovoada continuava, ouvindo-se um rumor de cascata, aumentado de minuto a minuto. Era a ribeira que trasbordara com a chuva, vinda de outros regatos. Nunca no moinho se víra uma inundaçãõ igual. A agra-



var o perigo, a comporta estava fechada, contribuindo para que a água se juntasse no reservatório. — «Mamã! Mamã!» — grita a criança no meio da maior aflição mas só lhe responde o eco da própria voz.

O burrinho agita-se, inquieto.

Uma táboa da porta, cede.

A água entra, de roldão, pela cozinha. Toninho sobe para uma mesa, mas a água cresce, cresce sempre, e, em pouco tempo, toda a casa fica inundada.

Afoito, o pequeno salta para o dorso do Cinzento. Tudo indica que o animal tem a intuição do perigo. Precipita-se para a porta, mas reconhece não ser possível vencer a corrente impetuosa.

Toninho desmonta, e, num arranco, pretende forçar a saída. A água chega-lhe já ao peito, mas ele luta corajosa e valentemente.

Sôb o impulso da água, a porta cede e é arrastada pela corrente. Toninho mal teve tempo de apanhar uma das orelhas do burrinho. Saltou-lhe sôbre o dorso, e ambos foram levados no enxurro, ficando à mercê de Deus.

Cinzento, entanto, era vigoroso e enérgico. Com os pés fincados nas ancas do animal, e segurando-o bem pelas orelhas, Toninho chegou, enfim, a terra firme, após uma longa meia hora de luta com a corrente.

Que alegria a da mãe e do pai do menino, ao recebê-lo nos braços!

O burrinho tremia de frio e de medo.

Enquanto um dos vizinhos levava o pequenino para sua casa, friccionando-o e dando-lhe bebidas reconfortantes, o burrinho era metido numa bem abrigada cocheira. Depois de enxuto, deram-lhe uma ração apropriada.

Toda a gente que receára pela vida de Toninho estava agora contente, elogiando Cinzento, que na sua amisade pelo pequeno dono encontrara forças para o salvar.

O moinho foi reconstruído, fazendo-se um dique sólido para a ribeira.

Toninho é agora o senhor António Rodrigues.

Tornou-se um homem trabalhador e honesto. Está cumprindo o serviço militar, na cidade. Quando vem de licença ao moinho, todos os vizinhos o sabem, porque ouvem os zurros alegres do Cinzento. Dizem, então: — «Lá está o burrinho cinzento dos Rodrigues, anunciando a chegada do dono!»

E a paz e a felicidade reinam, agora, nesse canto do mundo sôbre as pessoas e sôbre as coisas.

≡ FIM ≡

CONCURSOS MENSAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS PARA COLORIR

LISTA DOS PRÊMIOS

1.º CONCURSO

Uma poesia Infantil

Ao primeiro classificado da

SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

UM BELO LIVRO DE HISTÓRIAS
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE B

UMA DELICIOSA CAIXA DE
BOMBONS

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
CEU ABERTO
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE C

UMA COLEÇÃO DE PERFUMES
da célebre marca Nally

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
EM PLENO AZUL
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

2.º CONCURSO

Um Conto Infantil

Ao primeiro classificado da

SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

UM BELO LIVRO DE HISTÓRIAS
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE B

UMA DELICIOSA CAIXA DE
BOMBONS

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
CEU ABERTO
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE C

UMA COLEÇÃO DE PERFUMES
da célebre marca Nally

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
EM PLENO AZUL
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Acusamos a recepção das produções dos seguintes concorrentes: — J. de S. Martins Bagulho, Octávio S. dos Santos, Eduardo Lima, Maria Fernanda de B. Pinto Lopes, Adriano da C. Dias dos Reis, Maria da Conceição Lourinho, Joaquim Severo Alves, Herminia M. B. El-Magrito, Armando Faria Lósi, Felix Costa Ventura, Maria Rosa Ferreira, Mário Costa Pinto, João R. dos Santos, M. Gonçalves Pereira, Paulino Franco Ferreira, Madalena Taveira, F. F. Almeida e Manuel Fonseca.

MINHA LINDA TREPadeira

(Continuado da pag. 3)

— Que grande pateta!
«Viver sempre aí,
«Sem ter movimento...
«Liberta-te, foge,
«E deixa o poeta!
«Vem vêr como é bela,
«Sem êsse tormento,
«A vida aqui fóra.

— Não saio daqui,
(Diz-lhe a trepadeira)
«Assim posso vê-lo,
«Daqui da janela,
«E até defendê-lo
«Dos bichos... de ti!

«Ide-vos embora!
«Eu fico, guardando

«A sua janela,
«Sorrindo e beijando,
«Ao assomar nela,
«Seu rosto contente...
«Por me vêr aqui!»

Nisto o sol sorriu,
A aranha fugiu
P'rá teia ligeira;
Dando entrada em cena,
A brisa serena
Daquela manhã.

Minha linda trepadeira!

JULIANO SELVAGEM

Desenhos de António Gonçalves



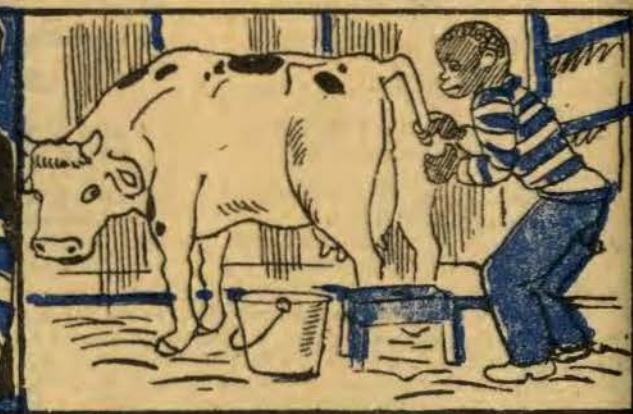
UM MAL ENTENDIDO



Numa fazenda do Minho, o lavrador Zé Alpaca, de manhã, muito cedinho, ia mungir sua vaca.

Mas um dia, adoentado, não podendo ir à fazenda, chamou um preto, criado, que tinha uma cara horrenda.

E eis lhe diz o Zé Alpaca: — «Toma lá este banquinho e vai ordenhar a vaca, com cuidado e com jeitinho.»



Pegando no banco, o preto meteu logo mãos à obra, pondo o animal, inquieto, em complicada manobra.

Aos encontrões à vaquinha, tantas voltinhas lhe deu, que a pobre desgraçadinha só por um trís não morreu.



Mas farta de tanto andar às voltas, a desgraçada manda o preto bugiar e prega-lhe uma marrada.

Ao vê-lo chegar, então, sem bilha e todo encolhido, pôs-se a inquirir o patrão que lhe havia sucedido?

Volve o preto ao Zé Alpaca: — «E' que, embora quizesse eu, não se quiz sentar a vaca no banquinho que me deu!»